

## Aconteceu, e agora?

Posvenção. O termo soa novo aos nossos ouvidos, mas é o que define as práticas que ocorrem quando as atividades de prevenção falharam. Após um caso de suicídio no ambiente escolar, o acolhimento é a palavra de ordem para evitar aquilo que é chamado de “suicídio de pares”.

O colégio Bandeirantes, um dos mais tradicionais de São Paulo, vivenciou esse caso. No início deste ano, após um primeiro caso, conforme noticiado em diversos veículos da capital, a escola chamou especialistas e programou atividades para preparar a volta às aulas. E nas vésperas desse retorno, outro aluno se matou.

Então, o que fazer? “Nessa hora não cabe palestras, aulas. Os responsáveis devem deixar os alunos

falarem sobre o caso, ouvir os sentimentos e as emoções”, ressalta Patrícia.

“Falar sobre suicídio ajuda a preveni-lo. O silêncio é prejudicial. É preciso mostrar opções de saídas, dar oportunidades para que o jovem procure dentro do ambiente escolar alguém com o qual possa dialogar”, concorda Claussen.

Mas a psiquiatra alerta: há maneiras certas de falar sobre o tema. “A escola deve falar com ética, responsabilidade e fontes informativas. Evite a glamourização, com altares e flores. E trabalhe em cima de casos positivos, de pessoas que tentaram e não tiveram êxito, por exemplo. Há várias formas de abordagem que são esclarecedoras”.

## Tecnologia a favor da saúde emocional

O Instituto Alpha Lumen, de São José, lança no mês de dezembro, em parceria com pesquisadores da Universidade Federal do Ceará e da Universidade de Brown, nos Estados Unidos, um aplicativo que ajudará escolas de todo o país a mapear a saúde mental dos jovens, como medida de prevenção de suicídio.

“Quando vivenciamos no nosso projeto escola uma situação, vimos que trata-se de um problema social grave. Então criamos esse aplicativo, com uma série de questionamentos validados. O coordenador pode aplicar nos estudantes - que não precisarão se identificar -, encaminhar os dados e receber esse mapa, que mostra focos de desequilíbrios e traz orientações sobre como lidar de forma preventiva. Muitas vezes, os jovens não se manifestam de forma clara seus sentimentos, e o questionário é feito de forma a fazer ele revelar-se”, explicou Nuricel Villalonga, fundadora do instituto.

Ainda segundo ela, escolas que passaram por um caso de suicídio também podem fazer o diagnóstico e avaliar os resultados de posvenção. “O app nos ajudará futuramente a mapear as regiões dos país para termos uma noção sobre a saúde emocional e descobrir o que tem causado esse comportamento em crianças e jovens”. Para saber mais: [www.alphalumen.org.br](http://www.alphalumen.org.br).